이베로아메리카 제9권 2호(2007. 12): 77-100

O Estudo dos Navegadores Portugueses da Época dos Descobrimentos que ainda não são bem conhecidos na Coréia*

최 영 수

<Abstract>

한국에 잘 알려지지 않은 발견의 시대 포르투갈 항해가들에 관한 연구

본 논문은 발견의 시대(The Age of discovery)를 이끈 포르투갈 항해가들의 활동과 업적을 연구하는데 목적을 둔다.

인류 역사에서 가장 위대한 업적은 아담 스미스가 말한 "신대륙 발견"이라고 18세기의 유럽인들은 확신했다. 신·구세계 간의 고립된 문명을 하나로 연결한 해상발견의 중요성은 "경험은 만물의 어머니이다"라는 교훈을 온 인류에 일깨워 주었다. 팽창의 시대는 바르톨로메우 디아스(1488년 희망봉 발견), 콜럼버스(1492년 신대륙 발견), 바스코 다 가마(1498년 인도항로 발견) 그리고 마젤란(1519년 세계일주항해)과 같은 인물들이 선도해 나갔다. 그들은 전 생애를 통해 모험적이고 희생적인 삶을 살았던 위대한 영웅들로 칭송받고 있다. 이 해양영웅들은 한결같이 그 활동 무대가 이베리아 반도였고, 콜럼버스를 제외한 모두가 포르투갈인들이었다.

일부 역사가들은 "해상발견은 11-12세기부터 유럽사회에서 성숙되어온 경제, 기술 그리고 문화적 발전의 결과였다"고 주장한다. 그러나 앞서 언급한 항해가들의 중요성은 결코 무시될 수 없다. 그들은 유럽팽창의 리듬을 가속화시켰고, 인류의 정신적 변혁에 지대한 공헌을 했다. 그러나 이 위대한 해상영웅들의 발견이 실현되기까지에는, 아프리카 서해안 개척, 아프리카 동남해상루트 개척 그리고 서대서양 항해와 발견을 위해 모험심을 불태운 수많은 초기 항해가들이 활약상이 있었다. 험난한 해상모험을 통해

* 이 논문은 2007학년도 한국외국어대학교 교내학술연구비 지원에 의하여 연구되었음.

축적된 이들의 경험과 지식은 해상영웅들의 위대한 발견과업에 초석이 되었다. 따라서 본 연구에서는 국내 학계나 또한 서양근대사연구서들에도 잘 알려지지 않은 초기 항해가들의 해상발견과 그 중요성을 소개하고자 한다.

만일 이 초기 포르투갈 항해가들의 희생적 삶과 노력이 없었더라면, 신·구 문명의 유기적 결합은 물론, 지구상의 자원의 이동, 교역을 통한 유럽 경제의 변화 그리고 상업혁명, 산업혁명과 산업자본주의로 나아가는 유럽 사회의 정신적, 물질적 변화는 결코 기대할 수 없었을 것이다.

[Key Words: Heróis Portugueses / Época dos Descobrimentos / Cabo Bojador / Tratado de Tordesilhas / Vocação Marítima dos Portugueses]
[주제어: 포르투갈의 영웅들 / 발견의 시대 / 까보 보쟈도르 / 또르데질랴스 조약 / 포르투갈인들의 해양성 천품]

Ⅰ. Introdução

Adão Smith, o autor de *A Riqueza das Nações*, disse: "O Descobrimento da Terra Nova foi o maior feito na História da Humanidade."(Elliot 1970, 10) Como ele disse, a importância dos Descobrimentos foi enorme. Hoje, ninguém tem dúvidas de que os Descobrimentos deram início a uma nova fase da vida da Humanidade.

A descoberta teve muitas conseqüências. Primeiro, uniu em largo relacionamento o Velho Mundo e o Novo Mundo. Segundo, constituiu a base da Revolução Comercial, mudando o eixo da actividade comercial do Mediterrâneo para Lisboa e Sevilha. Terceiro, despertou um lema: "a experiência é a madre de todas as coisas."(Afonso 1974, 149)

Como sabemos, os Descobrimentos foram, acima de tudo, um movimento de expansão colonial e imperial da civilização europeia. A sua génese e o grande impulso originário situaram-se nos dois países da Península Ibérica, Portugal e a Espanha.

Portugal foi geográfica e historicamente um dos pontos cruciais em que se articularam por terra o mundo e a África, e se uniram por mar o mundo e o Oceano Atlântico. Portugal foi também o espaço onde existiu uma melhor preparação tecnológica e científica da navegação. Os Descobrimentos portugueses trouxeram ao conhecimento da Europa dois terços do Mundo até então desconhecidos.

Mas, na História dos Descobrimentos, a importância dos heróis marítimos nunca pode ser ignorada porque as acções deles trouxeram resultados consideráveis. Diz-se que os heróis mais ilustres na Época dos Descobrimentos Marítimos foram Cristóvão Colombo, Vasco da Gama, Pedro Álvares Cabral, Bartolomeu Dias e Fernão de Magalhães. Eles, durante toda a vida, não somente tiveram sonhos ambiciosos da actividade marítima na Península Iberica, mas também serviram os Reinos de Portugal e da Espanha. Todos são portugueses, excepto Cristóvão Colombo.

Antes das significativas viagens [o cabo da Boa Esperança(1488), a Terra Nova(1492), o Caminho Marítimo para a Índia(1498) e a circunavegação mundial(1519)] por tais heróis marinheiros, alguns feitos foram alcançados por navegadores portugueses que não são bem conhecidos por nós. Estes foram verdadeiros precursores dos descobridores conhecidos de todos os caminhos marítimos do Mundo. Por tal motivo, precisamos de conhecê-los por suas carreiras e seus feitos.

Na Época dos Descobrimentos, D. Manuel[1] sucedeu no trono a D. João II[2], seu primo e cunhado, devido à morte acidental do herdeiro, D. Afonso. D. Manuel I, o Venturoso, foi também um bom sucessor da política de Expansionismo do seu antecessor. Como sabemos, D. Manuel I veio a colher

---

1) Reinado: 1495-1521. Filho do infante D. Fernando(irmão do rei D. Afonso V) e de D. Beatriz, neto de D. Duarte e bisneto de D. João I, D. Manuel nasceu em Alcochete, a 31 de Maio de 1469 e morreu em Lisboa, a 13 de Dezembro de 1521.

2) Reinado: 1481-1495. Filho primogénito do rei D. Afonso V e de D. Isabel, o infante D. João nasceu em Lisboa, a 3 de Março de 1455, tendo sido o décimo quarto rei de Portugal.

os frutos e a glória do descobrimento que D. João II tão laboriosamente preparou.

No caso dos navegadores como no dos reis, não houve excepções na sucessão das missões dos descobrimentos. No princípio da época dos descobrimentos, alguns indivíduos, quase sem apoio, sacrificaram-se para ser pioneiros da exploração dos mares. Com a base experimental e os conhecimentos acumulados pelos primeiros navegadores através de inúmeras aventuras marítimas que não são bem conhecidas historicamente, os heróis naúticos, como Vasco da Gama e Cristóvão Colombo, puderam realizar os grandes descobrimentos. Dessa maneira, de descobrimento em descobrimento, de conquista em conquista, Portugal tornou-se maior, ganhando novas terras para si.

Alguns historiadores pensam que os descobrimentos marítimos foram o resultado do desenvolvimento econômico, cultural e tecnológico que viera amadurecendo na Europa desde os séculos XI-XII. Com isto, não pode ser negada a importância dos indivíduos, como o infante D. Henrique[3], Bartolomeu Dias, Vasco da Gama, Fernão de Magalhães, Cristovão Colombo e Pedro Álvares Cabral. Eles aceleraram o ritmo do expansionismo europeu e contribuíram para a transformação espiritual no campo dos conhecimentos humanos.

Tais heróis marítimos, mencionados acima, são apresentados em alguns livros escolares da Coréia, porque eles são figuras mundialmente bem conhecidas. Mas, como já disse, na História de Portugal, houve inúmeros navegantes que se esforçaram e se sacrificaram pelo seu próprio país. Nos séculos XIV-XV, eles, antecipando-se a qualquer outro povo, lançaram-se na gigantesca empresa dos descobrimentos marítimos, que iriam modificar o mapa mundi e principiar uma nova época histórica.

---

3) Era filho de D. João I e de D. Filipa de Lencastre. A secular vocação marítima e todos os estímulos da expansão foram encarnados no infante D. Henrique, o Navegador, que na primeira metade do século XV, estabelecido junto de Sagres, orientou e dirigiu toda a acção descobridora.

Neste sentido, tais navegantes anónimos foram realmente não só verdadeiros heróis lusitanos, mas também contribuintes para a globalização do mundo. Por isso, faz-se juz um estudo especial sobre o tema, "O estudo dos navegadores portugueses da época dos descobrimentos que ainda não são bem conhecidos na Coréia."

Ⅱ. A vocação marítima dos portugueses

É muito curioso que em outro tempo, um país tão pequenino e pobrezinho tenha dominado todos os mares do mundo e mudado do Mediterrâneo para Atlânticoo o eixo da economia européia. Então, quais foram as condições e factores que favoreceram e estimularam a expansão? Os historiadores concordam, sem hesitação, com o condicionamento geográfico, a vocação marítima dos portugueses, factores políticos, econômicos, sociais e religiosos, acção e objectivos do infante D. Henrique. Mas, na minha opinião, entre as condições gerais, a vocação marítima de Portugal sobreleva.

Como já tivemos ocasião de aprender, desde a Pré-História, Portugal teve dificuldade de desenvolver a agricultura por causa do solo infértil e inculto, mas, por outro lado, tinha a costa extensa favorável e acessível, embora o território fosse estreito. Por isso, teve a vantagem de complementar as deficiências dos produtos agrícolas com recursos marinhos.

Na Era Neolítica, vários povos tinham habitado na longa costa de Portugal. E nos séculos IX-X ac, os povos marinhos do Mediterrâneo oriental invadiram a Península Ibérica, procurando cobre e cassisterite. Os Fenícios estabeleceram-se na costa do Algarve, Alcácer do Sal, Aveiro, Póvoa de Varzim e Áncora, construindo várias feitorias. Eles miscigenaram-se com os habitantes peninsulares. Com a decadência da influência dos Fenícios, os Gregos conseguiram a hegemonia do Mediterrâneo oriental. Eles chegaram no século VII ac à Península e fundaram colónias no Mediterrâneo e também se misturaram com os

habitantes da Península Ibérica.

Entretanto, os Cartagineses apareceram subitamente como a grande potência do Mediterrâneo ocidental. Ameaçaram os Gregos na costa da Península, estabelecendo Cartago Nova . A passagem dos Cartagineses pelo ocidente peninsular data do século III ac. Há vestígios da sua influência em Faro e particularmente, no tempo de Aníbal e Asdrúbal, em Portimão ou Alvor[4].

Nessa altura, os Romanos iniciavam a sua expansão territorial. Durante esta expansão, defrontaram-se com Cartago. Ambos queriam dominar o Mediterrâneo e a Península Ibérica. Mas, terminada a terceira Guerra Púnica com a derrota completa dos Cartagineses, os Romanos acabaram por dominar a Península Ibérica. A Romanização na Península Ibérica foi altamente benéfica e constituiu na adopção de usos, costumes e instituições. A Romanização, durante oito séculos de ocupação foi tão importante para os habitantes da Península. Mas, os Germanos invadiram a Península Ibérica, aproveitando a fraqueza dos Romanos.

Naquele momento. a Lusitânia era disputada aos romanos por Suevos e Visigodos, que acabaram por vencê-los em 585 dc, tendo-se dado, com o decorrer do tempo, a fusão de raças e de culturas, passando-se do paganismo à adopção do Cristianismo. Os Lusitanos são normalmente considerados os antepassados dos portugueses.

No início do século VIII outros invasores se seguiram, desta vez vindos do sul. Com a influência árabe começava um novo período na Península Ibérica. Em 711 os muçulmanos desembarcaram na península com o objectivo de conquista. Cinco anos mais tarde, todos os territórios estavam nas mãos dos invasores. Mas, a Reconquista começou com a ajuda das Cruzadas ocidentais.

Como mencionado acima, Portugal, através de mistura racial com vários

---

4) Os cartagineses seguiram uma hábil política de captação como prova o casamento dos seus chefes, Aníbal e Asdrúbal, com princesas indígenas, das famílias nobres tartéssias e a colaboração militar dos indígenas.

invasores mediterrâneos, transformou-se num país marítimo. E, além disso, na primeira dinastia, alguns reis, por exemplo, D. Dinis[5] e D. Fernando, protegeram a navegação comercial. D. Dinis ordenou a construção de navios mercantes e contratou no exterior homens experimentados na navegação, a fim de instruir os marinheiros. Foi, porém, D. Fernando que mais fomentou a marinha nacional, através de uma legislação concedendo os privilégios.

Alguns autores afirmam que os descobrimentos portugueses foram o momento áureo da História Portuguesa. Os responsáveis por isto foram os reis da primeira e da segunda Dinastia, o infante D. Henrique e todos os navegadores portugueses daquele tempo.

Então, como foi possível que Portugal tão pequenino tivesse feito tão grande empreendimento? Muitos autores resumem as várias causas da expansão.

Mas, no meu ponto de vista, a vocação marítima, correndo no sangue dos portugueses, foi realmente a causa mais favorável à expansão marítima.

Ⅲ. Navegadores de Pré-Colombo

1. A exploração da costa da África Ocidental

No reinado de D. João I, os portugueses chegaram à Madeira e aos Açores, as primeiras ilhas do Atlântico a serem descobertas. Mas, os descobrimentos jamais teriam prosseguido, se não fosse ultrapassado um obstáculo que, até aí, ninguém tivera coragem de vencer. Era o cabo Bojador. O infante D. Henrique queria saber o que havia para além dessa região. A Crônica dos Feitos da Guiné, de Zurara, diz-nos que o Infante pediu sempre aos seus navegadores que prolongassem as suas viagens cada

5) D. Dinis foi um rei excepcional. Não foi apenas um poeta, um cultor das letras, um protector da instrução. Para efectuar o comércio, ordenou a construção de navios mercantes e contratou no exterior homens experientes na navegação.

vez mais para sul e buscassem a terra que estava para além do cabo Bojador. A partir daí, a campanha dos descobrimentos portugueses deu início a uma nova era e impulsionou a globalização.

O navegador mais célebre na navegação da costa da África ocidental foi Gil Eanes, natural de Lagos e um dos escudeiros da casa do infante D. Henrique. Ele foi o primeiro que se atreveu a afrontar os terrores do Cabo Bojador. Seguindo ordens de infante D. Henrique, fez a primeira viagem em 1433 com a intenção de chegar ao Bojador, mas voltou ao reino depois do apresamento dos infiéis. No ano seguinte, Gil partiu de novo para o Bojador, dobrou o Cabo e avançou mais para sul ao longo da costa africana.(Peres 1982, 44) A navegação de Gil Eanes destruiu a crença de que a terra seria deserta e o mar, muito fervente, e o navio cairia no abismo. No ano seguinte, Gil tentou nova viagem ao Bojador. Acompanhado por Afonso Gonçalves Baldaia[6] e, seguindo para diante, explorou a terra que tinha vestígios de homens e caramelas. Tais viagens de exploração foram interrompidas, durante algum tempo, pela derrota de expedição de Tanger e a morte de D. Duarte[7], rei de Portugal.

Segundo a Crônica dos Feitos de Guiné, o infante D. Henrique, reestabelecendo a pacificação, nomeou Antão Gonçalves como capitão e recomeçou a viagem de exploração. Gonçalves desembarcou na costa do Rio do Ouro e capturou dois indígenas para dar satisfação ao infante D. Henrique. Isto foi a primeira caça dos escravos na África ocidental.

Quando Gonçalves permanecia na mesma costa, a nova expedição, chefiada por Nuno Tristão, chegou lá. O cronista Azurara, na sua Crônica da Guiné, apresenta-o como o seguinte: “cavaleiro mancebo que fora criado

---

6) Copeiro do infante D. Henrique, foi por este mandado seguir num barinel para acompanhar a segunda viagem de Gil para além do Bojador. Não tendo conseguido descobrir nativos nessa zona costeira, voltou numa segunda viagem, por ordem do infante, para explorar o sertão.

7) Décimo primeiro rei de Portugal, filho de D. João I e de D. Filipa de Lencastre. O seu curto reinado de cinco anos, orienta-se em três sentidos: 1) a política interna; 2) a expansão marítima; 3) a política de guerra em Marrocos.

de moço pequeno na câmara do infante."

Nuno, encontrando-se com Gonçalves no Rio do Ouro, capturou dezenas de indígenas e depois, Gonçalves regressou ao reino e Nuno avançou até ao Cabo Branco. Através destas duas expedições, Portugal abriu novo período do descobrimento.

Depois, o infante D. Henrique enviou Fernão Lopez de Azevedo como embaixador à Santa Sé para dar conhecimento das viagens de exploração da costa africana e da navegação do Atlântico. Nessa época, o Papa Eugénio IV concedeuia a indulgência a todos os participantes que lutassem contra os Mouros sob a bandeira de Ordem do Cristo[8].

Em seguida, Gonçalo Sintra e Dinis Dias partiram para o sul da África e eventualmente reconheceram o Cabo Branco, Furnas e Baixos de Arguim. Dinis Dias foi um navegador ao serviço do infante D. Henrique. A seguir, Dinis Dias dobrou o Cabo Verde (Serrão 1978, 157-159). João Fernandes, em 1445, que, sendo cativo em Mauritânia, tinha aprendido o árabe, penetrou no interior do sul do Sudão e chegou ao país dos Tuaregues, sendo o primeiro europeu que explorou o interior do continente negro até Taguor.

Apesar dessas glórias, havia tragédias marítimas. Gonçalo de Sintra e seus seis companheiros foram mortos pelo ataque dos indígenas. Quanto mais tiveram as operações de caça aos indígenas, mais morreram marinheiros portugueses.

A fama do infante D. Henrique chegara aos europeus e muitos homens, ávidos de aventuras, vinham pedir-lhe emprego nas suas caravelas. Ele deixou à sua pátria um nome glórioso e uma herança sublime. Foi o vulto mais brilhante da história da Idade Média, o homem que deve simbolizar para a história a glória dos descobrimentos.

Quando o infante D. Henrique faleceu, em 1460, os portugueses

---

8) Pelo final do século XIII a Ordem do Templo abandonou o próximo Oriente, onde se extinguira completamente o domínio cristão. Membros da Ordem voltaram ao seus países de origem, porém, só na Península Ibérica manteve a sua finalidade original, isto é, o combate aos infiéis.

exploraram cerca de 2,000 km além do Cabo Bojador. Isto aconteceu graças à fé e à vontade do infante, e também, ao resultado dos esforços dos seus navegadores e seguidores.

2. O Descobrimento da Rota Sueste da África

Em 1469, D. Afonso V fez um contrato comercial com um rico mercador lisboeta chamado Fernão Gomes, permitindo ao arrendatário a exploração, durante cinco anos, do comércio de toda a costa africana.(Afonso 1974,137) Em troca, Gomes pagaria a quantia annual de 200,000 réis e seria obrigado a mandar "descobrir" 100 léguas de costa por ano a partir da mata de Santa Maria. Gomes esforçou-se muito para alargar a exclusividade do comércio, descobrindo novas ilhas e costas. Nessa altura, uma expedição, chefiada por João Santarém e Pêro Escobar, explorava a metade da costa do Golfo de Guiné, tomando posse da Mina de Ouro, centro produtor de ouro da África central. Eles avançaram para o delta do Rio Niger, descobrindo São Tomé e Santo Antão. E depois, outra expedição, comandada por Fernão de Pó, descobriu o Golfo de Biafra. E, presumivelmente no ano 1474 ou 1475, Lopo Gonçalves descobriu o Cabo de Lopez e Rui de Sequeira, o Cabo da Catarina.

Na carta régia de 1481, D. Afonso V deu ao infante D. João o cargo de "feitos das partes da Guiné e investigação dos mares, terras e gentes e cousas deles".(Costa 1979, 9) Tal medida significa que o reino conhecia o valor econômico e a importância estratégica da empresa da expansão nas costas africanas.

D. João, ainda príncipe, aspirava muito ao descobrimento da Mina de Ouro. Nesse período, começava de novo a rivalidade entre Portugal e Castela no arquipélago das Canárias e na Senegâmbia, porque D. Afonso V insistiu no direito de D. Joana à coroa de Castela, quando faleceu Henrique IV, rei de Castela e pai dela.

Em 1475, os Reis Católicos(D.Isabel e D.Fernando) declararam, por carta

régia, a troca livre na costa da África. Isto foi o desafio oficial da Espanha, não admitindo a exclusividade de comércio de Portugal. já autorizada pela bula de 1456. Por isso os mercadores da Espanha puderam fazer comércio na costa africana, oferecendo um quinto dos seus rendimentos ao reino da Espanha.

Por tais motivos, entre Castela e Portugal desenrolou-se uma luta surda que, no Atlântico, tinha por cenário a faixa costeira africana de Marrocos à Guiné e ao arquipélago das Canárias.

Em 1476, Castela organizou uma armada para interromper as trocas comerciais de Fernão Gomes[9], mas não conseguiu porque os navios portugueses se defenderam bem. Pelo contrário, o comércio de Castela nesta zona foi interrompido por navios de Portugal e os navios castelhanos foram capturados pelos portugueses. Entretanto, os exércitos portugues e castelhano encontraram-se na planície de Toro, onde se deu uma batalha em 1476, tendo os portugueses sido derrotados. Em 1479, os Reis Católicos haviam ordenado um sistema de comboios para a navegação atlântica. Sabe-se que então prepararam uma expedição de 20 caravelas para ir à Mina de Guiné. Esta expedição apresou uma caravela de Portugal.

Finalmente, pôs-se termo o conflito entre Portugal e Castela pelo tratado Luso-Castelhano em 1479. As pretensões de D. Afonso V[10] ao trono de Castela terminaram com a assinatura do tratado de Alcáçovas em 1479, e nele Castela reconhecia os direitos de Portugal ao domínio da costa africana e das ilhas atlânticas, com excepção das Canárias, cuja posse era atribuída aos reis de Castela e Aragão.

Em 1481, D. João subiu ao trono de Portugal com o título de D. João II. Ele preparou-se para defender as costas africanas. Acima de tudo, D. João

---

9) Rico burguês de Lisboa que teve destacado papel na promoção do descobrimento das costas do golfo da Guiné.

10) Décimo terceiro rei de Portugal. Filho de D. Duarte e de D. Leonor de Aragão. Durante o reinado de Afonso V abranda a descoberta de África (vai-se do Rio do Ouro ao Cabo de Santa Catarina).

II estabeleceu as fortalezas e feitorias para tomar posse do ouro, cobiçado ardentemente pela maior parte dos países europeus. Dizem que a tentativa de achamento dum caminho marítimo para a Índia fez parte dos sonhos do infante D. Henrique. Mas a viagem para a Índia foi concebida por D. João II. O descobrimento da rota marítima para a Índia foi o seu maior desejo.

Diogo Cão, escudeiro e depois cavaleiro da casa do infante D. Henrique, realizou, por mandato de D. João II, duas viagens de descobrimento à costa da África, a primeira em 1482 e a segunda em 1484. Na primeira viagem, o seu destino era a Mina, onde estava então sendo edificado o castelo-feitoria de São Jorge. D. João II, desejoso de apertar relações com o rei do Congo, enviou Diogo Cão a segunda viagem. Ele seguiu para o Zaire. De passagem foi gravar nos rochedos de Yelala, na margem esquerda do rio, a seguinte inscrição: "Aqui chegaram os navios do esclarecido rei D.João II de Portugal".(Afonso 1974, 140)

No reinado de D. João II, as viagens da costa africana foram prosseguidas mais entusiasticamente. Pêro Vaz da Cunha foi encarregado por D. João II de instalar um entreposto comercial no Senegal. Ele fez inúmeras viagens no interior da África e teve contacto com várias tribos africanas do Cabo Verde até ao Alto Níger. E depois, seguiram-se a viagem de Bartolomeu Dias[11], que levou em 1488, navios portugueses pela primeira vez ao Índico e também, a missão desempenhada por Pêro da Covilhã que no Indostão, no Golfo Pérsico e na costa oriental de África, permitiu recolher preciosas informações de carácter económico.

Nesta viagem, Bartolomeu Dias acompanhou o piloto Pêro de Alenquer e o capitão João Infante. Alenquer foi o piloto mais famoso em Portugal. Em 1487, D. João II escolheu-o para pilotar a nau em que Bartolomeu Dias dobrou o cabo da Boa Esperança.[12] Ele conhecia bem os mares da África

11) De positivo sabe-se apenas que Bartolomeu Dias foi escudeiro da Casa Real, recebedor do Armazém da Guiné, e que morreu em 1500 num naufrágio de uma nau que fazia parte da armada de Pedro Álvares Cabral.

Austral. Em 1497, Alenquer participou, como piloto-mor da nau S. Gabriel, da viagem a bordo da qual ia o decobridor do caminho para a Índia. João Infante, na famosa viagem de descobrimento do cabo das Tormentas, comandava o navio São Pantaleão. Em outubro, a frota atingiu a Serra Parda e o Cabo do Padrão, tocado por Diogo Cão. Ventos contrários impediram-na de navegar para sul. Por causa das muitas voltas que deu até conseguir dobrá-lo, Bartolomeu deu a um cabo o nome de Cabo das Voltas. Durante treze dias, os barcos navegaram para sul. Os marinheiros não puderam dominar as velas por causa da tempestade e da chuva. Terra nunca avistaram. Por isso, Bartolomeu mandou rumar para norte. E, alguns dias após, puderam enxergar altas montanhas. Bartolomeu concluiu que já estava no Índico, não no Atlântico. Assim, o caminho marítimo para a Índia foi descoberto. D. João II, ouvindo a notícia do descobrimento, deu ao cabo do fim da África o nome de "Cabo da Boa Esperança".

3. Navegação do Atlântico Ocidental de Pré-Colombo

Em 1419, um navio chefiado por João Gonçalves Zarco e Tristão Teixeira foi arrastado por uma tempestade forte e, casualmente, descobriu a ilha de Porto Santo.(Serrão 1978, 141) Estes homens eram escudeiros do infante D. Henrique. Um navio que chefiaram foi despachado por ordem do Infante, para combater contra os Mouros e explorar as costas africanas.

Vieram a Portugal anunciar esta descoberta e, por ordem do Infante, voltaram para colonizar a ilha de Porto Santo. Depois, Teixeira e Zarco navegaram e encontraram outra ilha a que deram o nome de ilha de Madeira, devido à sua luxuriante vegetação. Segundo se depreende da carta do Infante, a ilha da Madeira e a ilha de Porto Santo foram doadas à ordem de Cristo. Para efeitos da sua administração e povoamento, o arquipélago foi

12) Os resultados da viagem de Dias foram frutuosos, porque a passagem do suleste para o Índico representava a certeza de se poder atingir a Índia. E, durante a viagem, verificara-se a simetria eólica dos dois hemisférios.

dividido em três capitanias, a do Funchal,a do Machico, e a de Porto Santo, confiadas respectivamente aos seus capitães-donatários, João Gonçalves Zarco, Tristão Vaz Teixeira e Bartolomeu Perestrelo.

Bartolomeu Perestrelo acompanhou Zarco e Teixeira na segunda viagem à ilha de Porto Santo, que aqueles dois navegadores tinham descoberto pouco antes. Ele foi fidalgo e escudeiro do infante D. Henrique.

Em 1427, o Infante organizou uma nova expedição para o Atlântico ocidental. Uma das caravelas da expedição, chefiada por Diogo de Silves descobriu as ilhas dos Açores. Diogo foi também escudeiro do infante D. Henrique. Diogo fez duas expedições seguidas às águas americanas junto da Terra Nova, de cuja existência trouxe a convicção, e na primeira das quais descobriu as ilhas das Flores e Corvo. Desembarcou na ilha Terceira e foi um dos seus primeiros colonizadores. Uma expedição, capitaneada por Gonçalo Velho Cabral, cavaleiro da Ordem de Cristo, começou a colonizar aquelas ilhas.

Mas, o Infante D. Henrique, percebendo a dificuldade da colonização deste arquipélago em comparação com o da Madeira, concedeu o direito de povoamento desta ilha a Jacome de Burges, mercador flamengo.

Mais tarde levou consigo Diogo Teive, o mesmo que descobriu as Flores. A ilha Graciosa teria sido povoada por gente dos termos de Coimbra e Algarve. As ilhas do Fico e do Faial foram doadas em 1466 ao flamengo Josse Van Huerter (Joz da Uta), judeu nascido em Nuremberga e chegado a Portugal em 1494.

As ilhas da Madeira e Açores já tinham sido desenhadas na célebre carta do século XIV. Por tal motivo, não se pode dizer que os primeiros decobridores foram escudeiros e cavaleiros do infante D. Henrique. A descoberta das ilhas da Madeira e Açores está envolta em muitas dúvidas e poucas certezas, pois são praticamente inexistentes documentos que comprovem ou assinalem as circunstâncias e as datas de cada descoberta. Segundo Gaspar Frutuoso ,cronista açoriano ,os Açores foram descobertos por Gonçalo Velho Cabral que, a mando do Infante, teria chegado à ilha de

Santa Maria em 1432 e a S. Miguel em 1444. Durante o século XIX, alguns estudiosos defenderam que este arquipélago já seria conhecido ,tendo apenas as navegadores do infante reencontrado estas ilhas. E ,segundo a concordante afirmação de Gomes Eanes de Azurara(1452 ou 1455), Cadamosto(1465), Diogo Gomes(1482) e João de Barros(1552), as ilhas da Madeira foram casualmente descobertas no reinado de D.João I e logo depois mandado povoar sob os auspícios de seu filho, o infante D. Henrique.

A existência de uma lendária ilha das sete cidades(Peres 1982, 94), situada algures no Mar Oceano a ocidente da Europa ,inspirou durante muitos séculos a exploração marítima. O primeiro documento referente às sete cidades é uma crónica em latim da cidade de Porto Cale, escrita cerca de 750 ad por um clérgio cristão. Nessa época, o reino ibérico dos Visigodos já tinha colapsado sob a pressão da invasão muçulmana. O arcebispo de Porto Cale deliberou partir para a grande terra das sete cidades. Em 734, o arcebispo, acompanhado por outros prelados, aos quais se juntaram cinco milhares de fiéis, embarcou numa frota de vinte veleiros.

Com a época dos descobrimentos, as tentativas de posse da ilha multiplicaram-se. Um dos casos foi a carta apresentada em 1473 a D. Afonso V pelo açoriano Fernão Teles. Do roteiro que mostrou constava uma longa costa, com várias ilhas, baías e rios, que ele declarava serem parte das sete cidades. Fernão Teles insistiu no pedido das sete cidades. Paolo del Pozzo Toscanelli declarou que as Antílhas e as ilhas do Atlântico seriam naquela margem do Atlântico. Finalmente, em 1476, a carta solicitada foi concedida, mas não se conhece a existência de qualquer expedição subsequente por parte daquele donatário.

Contudo, o flamengo Ferdinad Van Olm (Fernão Dulmo), casado com a filha de Fernão Teles, recebeu em 1486 autorização do rei D. João II para achar o paradeiro do reino cristão perdido das Sete Cidades.(Peres 1982,94) Infelizmente, Dulmo não teve melhor sorte que os seus antecessores, mas organizou na Terceira uma expedição para explorar o oceano a noroeste do arquipélago, onde teria sido avistada uma ilha desconhecida.

Desde a época do infante D. Henrique, Portugal enviou expedições para oeste na expectativa de descobrir ilhas ou terra, bem como de explorar as costas africanas.

Como dito, já tinha sido descoberto o arquipélago dos Açores, sendo entreposto para a navegação do Mar Oceano, e aí se tinham enviado duas expedições mais. É presumível que a primeira tenha chegado às Antílhas em 1447 e a segunda, de Diogo Teive, perto da Terra Nova em 1452.

Diogo desembarcou na ilha de Jesus Cristo(Terceira) em 1451, como ouvidor do infante D. Henrique. Realizou duas viagens de exploração para ocidente do mar dos Açores. Em 1452, no regresso da sua segunda viagem, descobriu as ilhas das Flores e do Corvo, que, inicialmente, foram consideradas um novo arquipélago.

No reinado de D.Afonso V, João Vaz Corte Real e Álvaro Martins Homem descobriram a Terra Nova dos Bacalhau. Corte Real foi o porteiro-mor do infante D. Fernando, pai do rei D. Manuel I. Atribuiu-se-lhe a descoberta da Terra Nova, havendo quem queira identificar essa suposta exploração no noroeste do Atlântico com a viagem Luso-Dinamarquesa, realizada no tempo de Cristiano I da Dinamarca, a pedido de Afonso V de Portugal. Martins Homem também viajava com Corte Real na exploração do Oceano Atlântico para além dos Açores, com o qual chegou à Terra dos Bacalhaus. Por indicação da infanta D. Beatriz, a ilha Terceira foi dividida em duas capitanias, uma para Martins Homem, e outra para Corte Real. Esta viagem à Terra Nova em 1472 fundamenta-se nas afirmações de Gaspar Frutuoso. Ele, na sua “Saudade da Terra”, conta que Corte Real recebeu do rei mandato do “descobrimento da Terra Nova dos Bacalhaus”[13], descobrindo-a efectivamente na companhia de Martins Homem e sendo

13) O descobrimento historicamente estabelecido da Terra Nova deve-se a Gaspar Corte Real, que desapareceu com a sua caravela na viagem de 1501, como se perdeu seu irmão que partira de Lisboa para o procurar. Os dois navios, que, além do seu, compunham a armada, regressaram ao reino,t endo os tripulantes transmitido notícias sobre a região que havia sido visitada.

recompensado com a capitania-donatário de Angra, na Terceira.

Em 1571, foi publicado *Le Historie della Vita e dei Fatti di Cristoforo Colombo* per Fernando Colombo(Cortesão 1978, 333), recolhendo as matérias e documentos de Cristóvão Colombo.

Como sabemos por este livro, o próprio Colombo teria sido muito influenciado por navegações atlânticas dos portugueses. Las Casas contou que um piloto português, de nome Vicente Dias, avistou uma ilha no caminho da Madeira para os Açores. E teria contado esta notícia a Colombo.

Ⅳ. O resultado dos Descobrimentos do séc.XV

1. O Tratado de Tordesilhas

O início da expansão marítima portuguesa sob a proteção do infante D. Henrique levou as caravelas portuguesas pelo Oceano Atlântico rumo ao sul, contornando a costa africana. Com a descoberta da costa da Mina e o início do comércio de marfim, ouro e escravos, a atenção da Espanha foi despertada, iniciando-se combates navais envolvendo embarcações de ambas as coroas.

Portugal, buscando assim proteger o seu investimento, negociou com Castela o Tratado de Alcaçovas (1479)[14], obtendo, posteriormente, do Papa Inocêncio VII em 1481 a bula Aeterni regis, que separava as terras descobertas e a descobrir por um pararelo na altura das ilhas Canárias, dividindo o mundo em dois hemisférios.

Como resultado do esforço espanhol, Cristóvão Colombo alcançou terras americanas em 1492. Cientes da descoberta de Colombo, mediante as

14) Tratado de Alcaçovas consagrou definitivamente o princípio do mare clausum, respeitado pela comunidade internacional durante cerca de 50 anos,período suficiente a Portugal para atingir os seus objetivos no campo das navegações e descobrimentos.

coordenadas geográficas fornecidas pelo navegador, os cosmógrafos portugueses argumentaram que a descoberta, efetivamente, se encontrava em terras portuguesas.

Desse modo, a diplomacia espanhola apressou-se a obter nova bula junto ao Papa Alexandre VI, espanhol. Não podia deixar o Papa de conceder aos reis católicos os mesmos direitos outorgados aos reis portugueses. Assim, em 3 de Maio de 1493, a Bula Inter Coetera[15] estabelecia uma nova linha de marcação, um meridiano que separaria as terras de Portugal e de Castela. O meridiano passava a 100 léguas a oeste dos Açores e de Cabo Verde.(Costa 1980, 60) Os termos da Bula não agradaram a João II de Portugal. D. João II abriu negociações directas com os reis Católicos para mover a linha mais para oeste, argumentando que o meridiano em questão se estendia sobre todo o globo, limitando assim as pretensões espanholas na Ásia.

Depois de discutir, o meridiano foi fixado não mais a 100, mas a 370 léguas das ilhas de Cabo Verde.(Afonso 1974, 152) Os Espanhóis cederam porque esperavam, por meio de sua política de casamentos, estabelecer algum dia a União Ibérica, incorporando Portugal.

A divisão das terras já descobertas e das outras a serem descobertas era estabelecida a partir de um semi-meridiano estabelecido a 370 léguas a oeste das ilhas do Cabo Verde, que se situaria hoje a 46°37' a oeste do Meridiano de Greenwich.

Em princípio, o tratado resolvia os conflitos que se seguiram à descoberta do Novo Mundo por Cristóvão. Embora contrariasse a Bula de Alexandre VI, uma nova Bula foi aprovada pelo Papa Júlio II em 1506.

Observe-se que uma das testemunhas que assinaram o Tratado, por Portugal, foi o famoso Duarte Pacheco Pereira, um dos nomes ligados a um suposto descobrimento do Brasil pré-Cabralino. Em 1498, D. Manuel I

---

15) Segundo à bula, o Papa Alexandre VI reconhecia a posse das terras e ilhas, achadas ou a descobrir ,a ocidente de um meridiano de 100 léguas que passava pelos Açores ou Cabo Verde.

ordenou-lhe como o seguinte: "descobrir a parte ocidental, passando além a grandeza do mar oceano, donde é achada e navegada uma tão grande terra firme...". Alguns autores insistem que nesta viagem, Pacheco chegaria à América do Norte.(Costa 1980)

Por outro lado, com o retorno financeiro da exploração americana(o ouro espanhol e o Pau-Brasil português), outras potências marítimas europeias passaram a questionar a exclusividade da partilha do mundo entre as nações ibéricas. Esse questionamento foi muito apropriadamente expresso por Francisco I da França, que ironicamente pediu para ver a cláusula no testamento de Adão que legitimava essa divisão de terras.

Concluída a volta ao mundo iniciada por Fernão de Magalhães ,uma nova disputa se estabeleceu, envolvendo a demarcação do meridiano pelo outro lado do planeta e a posse das ilhas Molucas, importantes produtoras de especiarias. Para solucionar esta nova disputa celebrou-se o tratado de Saragoça (22 de abril de 1529)[16].

2. Viagens posteriores ao Tratado de Tordesilhas

A caravela, uma embarcação renovada pelos portugueses, era um navio rápido, fácil de anobrar e apto para a bolina. Com esta embarcação, Portugal tomou a iniciativa na expansão marítima. Embora os descobrimentos tivessem sido o resultado do desenvolvimento económico, cultural e científico, o mais importante foi o espírito aventuroso dos navegadores sob o apoio activo dos primeiros reis da Dinastia de Avis.

Assim, como podemos ver, Portugal liderava o descobrimento marítimo durante um século, viajando e navegando 3/4 dos oceanos do mundo. D. Manuel I, rei de Portugal sempre foi a figura principal nesta empresa

16) Tratado assinado por D. João III e o imperador Carlos V, solucionando a questão das Molucas. A Espanha desistia das suas pretensões sobre as ilhas em troca de 350,000 ducados de ouro. Portugal adquiriu assim, por compra, uma coisa a que tinha direito em comformidade com o estabelecido pelo Tratado de Tordesilhas.

grande. D. Manuel I optou por uma política de expansão e pôs em prática os seus princípios, criando a oportunidade para a realização da viagem de Vasco da Gama em 1497. Escolheu ainda, a vida de inversão pró-aristocrática, estabelecendo um Estado que prenunciou em boa medida o absolutismo régio e o centralismo.

Tudo isto contribuiu para a constituição do Império português, fazendo de Portugal um dos países ricos e poderosos do mundo. D. Manuel utilizou a riqueza obtida pelo comércio para construir edifícios reais, no que se chamaria muito posteriormente de estilo manuelino, dos quais são exemplos o Mosteiro dos Jerónimos e a Torre de Belém.

Como sabemos, no século XV e XVI, foram realizadas sucessivamente as empresas maiores baseadas em esforços contínuos e experiências aventureiras. A expedição de Bartolomeu Dias conseguiu passar o cabo da Boa Esperança em 1488, Columbo descobriu a Terra Nova em 1492, Vasco da Gama explorou o caminho marítimo para a Índia em 1498 e, em 1500, Pedro Álvares Cabral descobriu o Brasil. Tais grandes descobrimentos não se realizaram apenas por aptidão e liderança dos navegadores famosos, mas foram também resultado da contribuição e sacrifícios dos primeiros navegadores.

Ⅴ. Conclusão

Na dinastia de Avis, Portugal veio a ser modelo típico do mercantilismo principiante através do sucesso da sua política de expansão marítima. A época dos descobrimentos abertos pelos pioneiros portugueses significou,, em si mesma, o processo da Revolução Comercial, realizando de maneira orgânica o comércio do Oriente e o da Terra Nova com Europa.

Todavia, Portugal sofreu as dificuldades da manutenção do Império face à cobiça de outros países marítimos e aos ataques dos protestantes do norte da Europa aos seus territórios extensivos e aos seus interesses comerciais.

Embora, desde o fim do séc XVI, Portugal tivesse perdido a posição monopolista, entrando em decadência súbita, tornou-se o gerador poderoso da Revolução Industrial, causada pela nova tecnologia e ordem comercial que ele próprio desencadeara.

David Anold, autor de *Época dos Descobrimentos* afirmou que, mesmo que os navegadores, mundialmente, bem conhecidos, não tivessem conseguido a descoberta de Nova Terra, o caminho marítimo para a Índia, o cabo da Boa Esperança e a Circum-Navegação do mundo, outros navegadores teriam conseguido tais façanhas, mais cedo ou mais tarde. Isto significa que a Europa, nessa altura, atravessava uma época de maturidade em tecnologia e motivação oferecida para a expansão marítima. Porém, não podemos negar a importância dos indivíduos portugueses: sem o sacrifício, a paciência e a persistência dos navegadores, a expansão europeia não se teria dado mesmo com condições e circunstâncias apropriadas.

É claro que a expansão europeia começou com as viagens dos Vikings, as Cruzadas, a Guerra de Reconquista e a actividade comercial dos Venezianos e Genovenses. Porém, eles não tinham as técnicas naúticas, os recursos suficientes, a organização para o descobrimento e a expansão marítima, e, acima de tudo, faltaram-lhes navegadores distintos, capazes de se sacrificarem para realizar os seus objectivos.

Portugal foi diferente. Portugal era o Estado mais bem preparado para liderar os descobrimentos nos séc. XV-XVI nas condições e nas motivações. Mas, o mais importante foi a vocação marítima dos Portugueses. Esta foi a razão pela qual Portugal deu início a uma nova era, impulsionando a globalização.

Como sabemos, Portugal não foi o dono, sim o guia ou pioneiro dos caminhos marítimos. Mas, penso que, sem o espírito de sacrifício dos navegadores portugueses e as suas experiências valiosas, durante tanto tempo acumuladas, não teria havido o relacionamento orgânicamente tão estreito entre o Velho e o Novo Mundo, nem se teria dado a transposição para a Revolução Comercial, a Revolução da Indústria e o Capitalismo

Industrial, experimentando, através do intercâmbio e movimentação dos recursos, o crescimento económico e as mudanças da Europa.

Neste sentido, os navegadores portugueses eram verdadeiros iniciadores da globalização.

Bibliografia

Afonso, A. Martins(1984), *Breve História de Portugal,* Porto: Porto Editora.

Albuquerque, Luís de(1983), *Ciência e Experiência dos Descobrimentos Portugueses,* Lisboa: Biblioteca Breve.

_____(1987), *Introdução a História dos Descobrimentos Portugueses,* Mem Martins: Publicações Europa-América.

Arnold, David(1983), *The age of Discovery 1400-1600,* London: Methuen & Company Ltd.

Barreto, Luís Filipe(1983), *Os Descobrimentos e Renascimento,* Lisboa: Imprensa Nacional.

Barros, João de(1977), *Os Descobrimentos da Índia,* Lisboa: Sá da Costa.

Campos, José Moreira(1957), *O infante D.Henrique e os Descobrimentos dos Portugueses,* Lisboa: Edição do Autor.

Costa, Manuel Fernandes(1980), *As Navegações Atlânticas e o Tratado de Tordesilhas,* Amadora: Biblioteca Breve.

Cortesão, Jaime(1983), *A Expansão dos Portugueses na História da Civilização,* Lisboa: Livros Horizonte.

_____(1979), *História dos Descobrimentos Portugueses(vol.I)* ,Lisboa:Círculo de Leitores.

_____(1979), *História dos Descobrimentos Portugueses(vol.II),* Lisboa: Círculo de Leitores.

_____(1983), *O Império portuguese no Oriente,* Lisboa: Livros Horizonte.

Eliott, J. H.(1968), *Europe divided 1559-1598,* London: William Collins Sons

& Co.Ltd.

_____(1970), *The Old World and The New 1492-1560,* Cambridge: University Press.

Galvão, António(1563), *Tratado dos Descobrimentos,* Porto: Livraria Civilização Editora.

Garcia, José Manuel(1988), *Viagens dos Descobrimentos,* Lisboa: Editorial Presença.

Godinho, Vitorino Magalhães(1962), *História Economica e Social da Expansão Portuguesa,* Lisboa: Arcadia.

_____(1982), *Os Descobrimentos e a Economia Mundial(vol.I),* Lisboa: Editorial Presença.

_____(1982), *Os Descobrimentos e a Economia Mundial(vol.II),* Lisboa: Editorial Presença.

Lopez,Fernão(1983), *Crônica de D.Henrique,* Lisboa: Livraria Civilização.

_____(1983), *Crônica de D.João I(vol.I),* Lisboa: Livraria Civilização.

Marques, a. h. de Oliveira(1978), *História de Portugal(vol.I),* Lisboa: Palas Editoras.

Martins, Oliveira(1987), *História de Portugal,* Lisboa: Guimarães Editores.

Nemésio, Vitorino(1967), *Vida e Obra do infante D. Henrique,* Lisboa: Edições Panorama.

Osório, D. Jerónimo(1980), *Da Vida e Feitos de El-Rei D.Manuel,* Lisboa: Livraria Civilização.

Perez, Damião(1968), *O Descobrimento do Brasil por Pedro Álvares Cabral,* Lisboa: Bertrand.

Serrão, Joaquim Veríssimo(1980), *História de Portugal(1415-1495),* Lisboa: Editoral Verbo.

_____(1980), *História de Portugal(1495-1580),* Lisboa: Editoral Verbo.

Zurara, Gomes Eanes da(1982), *Crônica de Guiné,* Lisboa: Livraria Civilização.

논문투고일자: 2007년 10월 26일
심사완료일자: 2007년 12월 6일
게재확정일자: 2007년 12월 10일

최영수(Choi, Young-Soo)
한국외국어대학교 포르투갈어과
E-mail: jonker@hufs.ac.kr